



***Eis que e vez que como conectivos causais:
indícios de gramaticalização***

***Eis que and vez que as Causal Connectives:
Evidences of Grammaticalization***

Renaldo César Bueno Alves da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
renaldocbasilva@bol.com.br

Maria do Carmo Viegas

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
mariadocarmo.viegas@gmail.com

Resumo: Na análise das expressões *eis que* e *vez que*, objetivamos reunir algumas evidências de *que*, empregadas como conectivos causais, elas se realizam como itens funcionais (COELHO; VITRAL, 2010), sendo provenientes de itens lexicais que atingiram aquele estatuto por meio de processos de gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Nosso procedimento metodológico consistiu em observar algumas alterações semânticas, fonéticas e principalmente morfossintáticas no percurso histórico dessas expressões. Utilizamos o *corpus* de Davies e Ferreira (2016) e o *corpus* de textos jurídico-judiciais descrito em Silva (2018), e buscamos ressaltar as peculiaridades decorrentes das alterações por elas sofridas que as distinguem como conectivos causais. Como as alterações se encaixam nos parâmetros de gramaticalização propostos por Lehmann (1982), concluímos que os aspectos analisados constituem indícios de elevado grau de gramaticalização desses itens.

Palavras-chave: *eis que*; *vez que*; conectivos causais; variação; gramaticalização.

Abstract: In the analysis of the expressions *eis que* and *vez que*, we aimed to gather some evidence that, when used as causal connectives, they are functional items (COELHO; VITRAL, 2010) which have derived from lexical items and have reached that status through processes of grammaticalization (HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Our methodological procedure consisted in observing some semantic, phonetic and mainly morphosyntactic changes through the historical course of these expressions, using the *corpus* of Davies and Ferreira (2016) and the *corpus* of judicial texts described in Silva (2018), highlighting the peculiarities arising from the changes that they have suffered, which distinguish them as causal connectives. As the changes fit the parameters of grammaticalization proposed by Lehmann (1982), we conclude that the analyzed aspects are evidence of a strong grammaticalization of these items.

Keywords: *eis que*; *vez que*; causal connectives; variation; grammaticalization.

1 Introdução

Neste trabalho, analisam-se aspectos linguísticos relacionados a *eis que* e a *vez que* a fim de compreender o processo pelo qual passaram/passam essas formas para se constituírem variantes de conectivos causais, tais como os exemplos (1) e (2) apresentados a seguir, retirados do *corpus* de textos jurídico-judiciais descrito em Silva (2018):

- (1) A Resolução Normativa nº 337/2006, editada pelo Conselho Federal de Administração e adotada pelo MM. Juízo a quo como razão de decidir, não pode prevalecer, **eis que** criou exigência não prevista na legislação de regência da matéria. (RIO DE JANEIRO, 2017, p. 690, grifo nosso).
- (2) No tocante à indenização por danos morais, não vislumbro sua ocorrência, **vez que** não há conduta ilícita praticada pela autarquia, que agiu com base na interpretação dos diversos diplomas legais existentes. (RIO DE JANEIRO, 2017, p. 2.640, grifo nosso).

De acordo com Hopper e Traugott (2003), *gramaticalização* é o processo pelo qual itens lexicais e construções passam a desempenhar, em determinados contextos linguísticos, funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, passam a exercer novas funções gramaticais.

Segundo Coelho e Vitral (2010, p. 79), consideram-se como *lexicais* os itens “de conteúdo”, isto é, as palavras que se usam para

designar “coisas, ações e qualidade ou, numa fórmula mais cômoda, entidades do universo biopsicossocial”. São chamados de *gramaticais* os itens “funcionais”, ou seja, as palavras que “desempenham um papel estruturador na língua, estabelecendo relações entre palavras e entre orações ou referindo-se aos participantes e entidades do discurso, posicionando-se em relação a eles” (COELHO; VITRAL, 2010, p. 79).

A partir desses conceitos, hipotetiza-se que os conectivos causais *eis que* e *vez que* resultem de processos de gramaticalização. Embora não seja possível, nos limites desta pesquisa, investigar rigorosamente todas as trajetórias que ensejaram o emprego desses itens como variantes causais, pretende-se abordar alguns aspectos linguísticos relativos a esses processos.

Procurou-se sublinhar algumas evidências de que as expressões *eis que* e *vez que*, usadas como conectivos causais, se realizam como itens funcionais, e de que essas formas são advindas de itens lexicais, que alcançaram tal estatuto mediante processos de gramaticalização.

Considerando que Lehmann (1982, p. 164), ao estabelecer critérios de gramaticalização de um item, combina os aspectos “peso”, “coesão” e “variabilidade” em dois eixos linguísticos, paradigmático e sintagmático, será dedicada atenção às alterações semânticas e, sobretudo, à restrição sintática ou morfossintática, que essas formas sofreram/sofrem para se realizarem como conectivos causais. No caso específico do conectivo causal *vez que*, será destacada, ainda, a redução morfofonética.

2 Eis que

Nesta seção, pretende-se demonstrar, inicialmente, que sobre a palavra *eis* recaem controvérsias quanto à sua classificação gramatical (“advérbio” *versus* “palavra de classificação à parte”) e quanto à sua origem (de *haveis* ou de *ecce*). Apesar dessas indefinições, ao final da seção mencionam-se elementos que acenam à possibilidade de que a variante dos conectivos causais *eis que* seja resultado de processo de gramaticalização.

Cunha e Cintra (1985, p. 540) mencionam que a palavra *eis* denota “designação” e se classifica como “certas palavras, por vezes enquadradas impropriamente entre os advérbios, [que] passaram a ter, com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, classificação à parte, mas

sem nome especial”.¹ Esses autores assim justificam a exclusão dessas palavras da classe dos advérbios:

Como vemos, tais palavras não devem ser incluídas entre os advérbios. Não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem outro advérbio. São por vezes de classificação extremamente difícil. Por isso, na análise, convém dizer apenas: “palavra ou locução denotadora de exclusão, de realce, de retificação”, etc. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 541).

Diferentemente do que consta em Cunha e Cintra (1985), três dicionários (FERREIRA, 2010; HOUAISS, 2009; WEISZFLOG, 1998) informam que a palavra *eis* é **advérbio** e tem as acepções relacionadas no Quadro 1, a seguir:

QUADRO 1 – Acepções da palavra *eis* em dicionários de português contemporâneo

Dicionário	Significado	Abonação ou exemplo
Ferreira	Aqui está	“Depois abre uma porta: <i>eis</i> a cama do filho.” (Ribeiro Couto, <i>Poesias Reunidas</i> , p. 32) ²
Houaiss	Aqui está Veja	<i>Quanto às últimas novas, ei-las aqui minuciadas. Tantos anos depois, eis-nos envelhecidos e enfraquecidos.</i>
Michaelis	Aqui está Aqui tendes Vede	<i>Eis o homem. Eis-me aqui.</i>

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Ferreira (2010), de Houaiss (2009) e de Weiszflog (1998).

¹ Além de *eis*, que denota “designação”, Cunha e Cintra (1985, p. 540-541, grifos dos autores) mencionam que “as palavras de classificação à parte” podem denotar inclusão (*até, inclusive, mesmo, também, etc.*), exclusão (*apenas, salvo, senão, só, somente, etc.*), realce (*cá, lá, é que, só, etc.*), retificação (*aliás, ou antes, isto é, ou melhor, etc.*), situação (*afinal, agora, então, mas, etc.*). Apresentam, contudo, a seguinte ressalva: “A Nomenclatura Gramatical Brasileira admite a existência dos ADVÉRBIOS DE EXCLUSÃO e DE INCLUSÃO e considera ADVÉRBIOS DE ORAÇÃO o que denominamos PALAVRAS DENOTATIVAS DE SITUAÇÃO”.

² Em Ferreira (2010), as informações relativas à abonação consistem tão somente de autor, de título e de número de página.

Weiszflog (1998, p. 767, grifos do autor) informa que *eis* tem “força de verbo vindo a pessoa ou coisa designada como se fosse objeto direto”. Informa, ainda, que *eis* “aparece frequentemente reforçado” como em “*eis aqui, eis aí, eis ali, eis que, eis senão que, eis senão quando*”. Essas informações não constam dos outros dois dicionários, exceto a informação referente a *eis senão quando*, que significa, “quando menos se esperava; subitamente, repentinamente” (FERREIRA, 2010), ou seja, “de modo súbito; inesperadamente” (HOUAISS, 2009).

Entre os três dicionários mencionados, observa-se diferença com relação à etimologia da palavra *eis*: em Ferreira (2010) e em Houaiss (2009), consta “origem incerta” e “origem controversa”, respectivamente; em Weiszflog (1998), há menção da forma latina *ecce*.

Em consulta ao *Dicionário latino-português*, encontra-se *ecce* assim traduzido e caracterizado:

[...] **ecce**, (partícula demonstrativa), adv. Eis, eis aí, eis aqui, eis que (Cíc. At. 13, 16, 1). Obs.: Na língua da conversação, no período arcaico, aparece frequentemente ligado aos demonstrativos: **eccillum**, **eccilla**, **eccistam**, etc. Em Cícero vem sempre acompanhado de nom. (FARIA, 2003, p. 335, grifos do autor).

Por meio de dicionários especializados em etimologia, também não é possível estabelecer com precisão a origem da palavra *eis*. Comparem-se, a propósito, os verbetes extraídos de Cunha (2007) e de Bueno (1974):

eis adv. ‘aqui está’ | *ex* XIV | De origem incerta, talvez forma evolutiva do lat. *ex*. (CUNHA, 2007, p. 286, grifos do autor).

Eis – adv. Aqui está. É forma verbal *eis*, abreviação de *haveis*, usada adverbialmente. (BUENO, 1974, p. 1.064, grifos do autor).

Além de as informações dos dois etimologistas não coincidirem, é digno de nota o fato de que *ex* em latim tem vários significados, e Cunha (2007) não menciona com qual(is) dele(s) *eis* estaria relacionado. Confirmam-se, a seguir, os diversos sentidos de *ex* na língua latina:

Ex, ē, ec, prep. e preverbo. I – Indica ponto de partida (sent. local): 1) Do interior de, de (com idéia de movimento de dentro para fora). Com verbos que significam sair, expulsar, tirar,

como: **exire** (sair de), **deducere** (levar, retirar), **auferre** (retirar), **tollere**, etc. (Cés. B. Gal. 4, 30, 3). 2) De, procedente de (idéia de origem) (Cés. B. Gal. 5, 13, 1). 3) Da parte de, de entre, do número de, entre (idéia partitiva) (Cíc. De Or. 2, 357). II – Daí: 4) De, desde, a partir de (sent. temporal) (Cíc. Rep. 1, 25). 5) Em seguida a, logo depois de (Cíc. Br. 318). 6) Em virtude de, por causa de, por (sent. causal) (Cíc. Of. 3, 99). 7) Conforme, segundo (Cíc. Clu. 177). 8) De, feito de (indicando a matéria de que uma coisa é feita) (Cíc. Verr. 2, 50). 9) Em locuções: **ex lege** (Cíc. Clu. 103) “conforme a lei, legalmente”; **ex consuetudine** (Cíc. Clu. 38) “segundo o costume”; **ex itinere** (Cíc. Fam. 3, 9, 1) “pelo caminho, no caminho”; **ex eo** (Tác An. 12, 7) “a partir deste momento”; **ex insidiis** (Cíc. Of. 2, 26) “à traição”. Obs.: I – Como prevérbio **ex**: 1) É constante antes de vogal e de consoantes: **examinare**, **extollere**. 2) Toma a forma **ec** antes de **f**: **ecferre** (= **efferre**, com assimilação do **c** do prevérbio). 3) Toma a forma **e** antes de **b, d, g, l, m, n, r, “i” consoante e “u” consoante**: **egredi**, **eligere**, **emittere**. 4) Subsiste antes de **s, c, qu**: **exsequi**, **excudere**, **exquirere**. 5) **e** ou **ex** antes de **p**: **expers**. II – Na composição **ex** designa: 1) Idéia de saída (**exire** sair de), algumas vezes com idéia accessória de baixo para cima: **extollere**, elevar, levantar. 2) Idéia de ausência, privação: **expers**, que não tem parte em, faltar de. 3) Idéia de acabamento: **ebibere**, beber até o fim, esvaziar. Neste emprêgo a força do prevérbio é, muitas vezes, enfraquecida e o composto tem o mesmo sentido que o simples: **vincio** e **evincio**, cingir, ligar, atar. 4) Serve para reforçar formas adverbiais: **exadversus** (adv.), “defronte de, em frente a”. Como preposição, o emprêgo de **ex** obedece às mesmas regras enumeradas para o emprêgo de **ex** prevérbio, sendo porém, de se notar que são estas menos estritas, sendo a forma **ex** a preferida na língua falada e **e** de uso corrente na língua escrita. (FARIA, 2003, p. 363-364, grifos do autor).

A dúvida quanto à origem de *eis* persiste quando se buscam informações em gramáticos e em estudiosos da língua portuguesa. Cegalla (2007, p. 144, grifos do autor) afirma que essa palavra tem origem incerta e que “talvez provenha de *heis* (por *haveis*) ou do lat. *ecce*”. Nunes (1975) acredita na primeira possibilidade, enquanto Ribeiro (1950) e Sacconi (1984) defendem que a palavra provenha do latim *ecce*.

Nunes (1975) assim se refere a *eis*:

O advérbio latino *ecce*, que tem sido dado para étimo deste [*eis*] (V. Morais s. v.), se convém pelo sentido, é repellido pela fonética; também não pode ser explicado pelo espanhol *he*, de igual significação, cuja forma mais antiga foi *fe*, ao passo que o nosso sempre assim se escreveu ou *ex* [...]; deve, segundo penso, ser a 2ª pessoa do plural do indicativo presente do verbo *haver* (antes *aver*) na sua forma encurtada; o emprego dessa pessoa, em vez do imperativo, como era de esperar, não é sem exemplo: cf. na antiga língua *treides* na *Rev. Lus.* vol. III, 189, e na moderna *Os Lusíadas*, VII, estâncias 4 e 5. (*Vede-los alemães, vede-lo duro inglês*), e o autor da *Eufrosina* (*vedes ahi carta de Crisandor, 233; veis ahi um vintém pera pão, 47*). Com sentido igual a *eis* possuía a língua antiga e ainda mantém a popular de hoje a forma *aque*, que Carolina Michaëlis de Vasconcelos [...] faz vir de *ecce*, influido por ataque. (NUNES, 1975, p. 346-347, grifos do autor).

Sacconi (1984) apresenta entendimento diferente do que consta do verbete acima. Ele explica a proveniência de *eis* conforme se segue:

O elemento *eis*, que muitos consideram palavra denotativa de designação ou redução de *haveis*, provém, na realidade de *ecce*, elemento que já no próprio latim vinha às vezes seguido de acusativo: *Ecce me nulum* = Eis-me acabado. Normalmente, contudo, aparecia com nominativo: *Ecce homo* = Eis o homem. Em português, como invariavelmente aparece com objeto direto, julgamos melhor doutrina considerá-lo um elemento de força verbal transitiva direta. Assim, para efeito de análise, temos em *Eis a oportunidade que aguardávamos*, um período composto, sendo a *oportunidade* um objeto direto. Neste outro período, agora simples: *Ei-lo alegre e satisfeito*, vemos um objeto direto (*lo*) e dois predicativos do objeto (*alegre e satisfeito*). (SACCONI, 1984, p. 294-295, grifos do autor).

De acordo com Ribeiro (1950, p. 476, grifos do autor), “o vocabulo *eis* do latim *ecce*, classificado geralmente pelos gramaticos entre os *adverbios*, não se deve considerar incluído nessa categoria senão como uma proposição incompleta, *implicita* ou *contracta*”. Assim, segundo esse autor, as expressões *eis-me*, *eil-o*, *eil-os*, *eil-as* significam *vós me vedes*, *me tendes*, *me haveis* ou *heis aqui*; *vós o vedes*, *o tendes*, *o haveis* ou *heis aqui*; *vós os vedes*, *os tendes*, *os haveis* ou *heis aqui*; *vós as vedes*, *as tendes*, *as haveis* ou *heis aqui*; etc.

Almeida (1952, p. 267, grifos do autor) menciona que *eis* “tem força de verbo e rege acusativo”. Afirmar que, em “Eis o homem”, tem-se *o homem* como objeto direto, e acrescenta que é por essa razão que “se diz *ei-lo, eis-nos*, com pronome oblíquo”.

Nascimento (1992) parece ter atentado para algo além da etimologia de *eis*. Ele apresenta de forma sinóptica um possível percurso que teria levado a palavra *eis* a ser usada na locução *eis que* como variante de conectivo causal. Abaixo, reproduz-se o entendimento desse autor:

O EIS é tradução de ECCE, advérbio latino que se verte para o vernáculo nas expressões “eis aqui, eis que (adv.), de improviso, de repente” e só este uso é Português de lei. É castiço o uso de EIS QUE como advérbio, como, *v. g.*, “Íamos partir, mas EIS QUE vem a chuva”. Já em latim era usado ECCE junto a conjunções. Ex.: ECCE AUTEM ou SEC ECCE que se verte por “eis porém”, “mas eis”, “mas eis que”, “quando de repente”. Ora, basta-nos verificar nesta última frase exemplificativa que a expressão EIS QUE é advérbio e jamais poderia ser conjunção causal depois da adversativa “*mas*”. **Certamente, foi o uso de EIS QUE como advérbio e a presença do QUE formador de tantas conjunções que conduziu ao engano de empregá-lo como causal.** (NASCIMENTO, 1992, p. 131-132, grifos nossos e do autor).

Vale lembrar que autores como Bueno (1974) e Nunes (1975) não comungam a lição de Nascimento (1992) de que *ecce* é étimo latino de *eis*. Além disso, Cunha e Cintra (1985), seguindo a Nomenclatura Gramatical Brasileira, classificam *eis* como palavra denotadora de designação, não como advérbio.

Quando se trata de linguagem, geralmente todo “engano” corresponde a fenômeno que pode ser examinado e muitas vezes explicado. Assim, ao relacionar o emprego de *eis que* em sentido causal com o item *eis* e com o “advérbio” *eis que*, Nascimento (1992) suscita um possível objeto de pesquisa: o processo de gramaticalização que resultou no uso de *eis que* como conectivo causal.

Observa-se que, em consonância com Cunha (2007), as primeiras ocorrências de *eis* no *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2016, grifos nossos) datam do século XIV, quando esse item era representado graficamente pela variante *ex*, conforme exemplos que se seguem:

- (3) Homëes boos, bem creio que avedes ouvydo as condições que som postas antre el rey de França e mÿ e em como avyamos de aver batalha em este campo oje ã este dya. E, por que vos outros desto sejades certos, **ex** as cartas da postura que he antre nos. (Título: Crónica Geral de Espanha de 1344. Data: século XIV).
- (4) Mercee, conde senhor, doeevos do nosso mal! **Ex** aquy hûu filho que nos Deus deu! Mercee, conde senhor, doeevos do nosso mal! Ex aquy hûu filho que nos Deus deu! (Título: Crónica Geral de Espanha de 1344. Data: século XIV).
- (5) E veo hy a elle con seis centos cavaleiros e disse: – **Ex** nos aquy en vossa prison. Mandaaeme prender. (Título: Crónica Geral de Espanha de 1344. Data: século XIV).
- (6) E fio em Deus que, aquellas suas trôbas e atambores, ante vós os faça tanger. O Cide, estando ã esto fallando, **ex que** os mouros entravã ãnas ortas muy ryjamête. (Título: Crónica Geral de Espanha de 1344. Data: século XIV).

No século XV, paralelamente à forma gráfica *ex*, passa-se a usar a variante gráfica *eis*, conforme ocorrências que se seguem, também extraídas do *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2016):

- (7) E naquelle tepo entrãdo Jhesu andaua por jerico. & **eis** huû homem chamado zacheo que era principal dos pubricos pecadores. (Título: Euangelhos e epistolas con suas exposições en romãce. Autor: Gonçalo Garcia de Santa Maria. Data: 1497).
- (8) O boõ criado pois que no pouco foste leal: eu te farey assistente de dez çidades. Ueeo outro dizendo senhor teu marco ganhou çinco marcos. E disse a este. E tu seeras sobre çinco çidades E outro veo dizendo. Senhor **eis** aquy teu marco que tẽnho guardado ã huum panno [...]. (Título: Euangelhos e epistolas con suas exposições en romãce. Autor: Gonçalo Garcia de Santa Maria. Data: 1497).
- (9) E tardando o esposo todas vijndolhes grande sonno adormeçerõse. E aameea noyte sentiram vozes **eis que** o esposo veẽ saij o a receber emtõ alleuantarõ se todas & corregerom suas lâpadas. (Título: Euangelhos e epistolas con suas exposições en romãce. Autor: Gonçalo Garcia de Santa Maria. Data: 1497).

Nota-se que nas mais antigas ocorrências registradas no *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2016), tanto a forma *ex* quanto a variante gráfica *eis*, que datam dos séculos XIV e XV, parecem ser usadas para designação, seguindo o padrão *eis* + *sintagma nominal*, com a possibilidade de interposição de palavra entre o primeiro elemento e o sintagma nominal, como nos exemplos (4) e (8), em que o advérbio *aquy* parece reforçar o sentido de *ex* e de *eis*.

Observa-se, também, nos exemplos (6) e (9), nos séculos XIV e XV, respectivamente, o uso de *ex que* ou de *eis que* como expressões que parecem ter sentido adverbial correspondente a *subitamente*, *inesperadamente*.

Nos registros relativos aos séculos XIV e XV, não foi encontrada a locução *eis que* empregada como conectivo causal. As ocorrências se referem a *ex* ou *eis* usada em sentido designativo, bem como a *ex que* ou *eis que* empregada em sentido adverbial.

Nos arquivos do século XX, observam-se ocorrências de *eis que* como variante de conectivo causal no *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2016, grifos nossos), como em (10) e em (11):

- (10) Concluiu requerendo que fosse utilizado o juízo de retratação ou, caso contrário, a reforma da decisão pelo Plenário da Casa. Mantive a decisão agravada. [...] Conhece-se do agravo, **eis que** interposto na melhor forma regimental. (Título: ACÓRDÃO nº 23.048. Data: século XX).
- (11) Tenho motivos altruísticos para recusar a doar meus órgãos irresponsavelmente. Segundo maledicentes, meu fígado deveria ser legado a ciência, com que até não tenho moral para discordar com muita veemência, mas, quanto ao resto, faço objeções, **eis que** o estado geral de meus órgãos não me parece capaz de passar por um controle de qualidade medianamente rigoroso. Não quero matar ninguém, muito menos depois de morto. (Título: Há um rouborgao em nosso futuro. Data: 23 fev. 1997).

Observa-se que, nesses exemplos, assim como em todas as ocorrências do *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2016) e dos *corpora* de Silva (2018) nas quais *eis que* é empregada como variante de conectivo causal, ela tem posição definida no período (após a oração principal), e não há interposição de palavras entre os componentes *eis* e

que. Além disso, não foi encontrada, no *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2016) nem nos conjuntos de textos examinados em Silva (2018), ocorrência de *eis que* como conectivo causal em que ela seja empregada junto com outro conectivo.

A expressão *eis que*, usada em sentido adverbial, foi observada, no *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2016, grifo nosso), não somente no meio de período, mas também no início de período:

- (12) Ainda combatida pelo sofrimento, a voz frágil, gritou: – Matu! Matu! **Eis que** as águas se fenderam, e algo cortou a superfície do lago. (Título: Os Rios Inumeráveis. Autor: Alvaro Cardoso Gomes. Data: 1997).

Além disso, foram observadas, no *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2016, grifo nosso), ocorrências em que o conectivo se junta com conjunções como *e* e *mas*:

- (13) Fez gravemente a pergunta: – Bom? Cristina tomou mais uma colherada, como a certificar-se de seu gosto: – Bom! Muito bom! Aimbé riu desfogado. **Mas eis que** lá dentro, do longo corredor escuro que conduz à cozinha aberta, rebentam gritos, gritos humanos em algazarra, nasalados, em torrentes de palavras que não se entendem. (Título: O Galo de Ouro. Autor: Rachel de Queiroz. Data: 1985).

Finalmente, ainda no *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2016, grifo nosso), encontraram-se ocorrências em que há inserção de palavra entre *eis* e *que*, como no exemplo:

- (14) Sempre fora um moço pacato, sem impulsos fortes, habituado a obedecer à mãe, aos costumes, da casa e aos deveres da repartição onde trabalhava, muito escravo da rotina e finalmente feliz nesse calmo torpor da sua vida. **Eis contudo que** essa moreninha pálida, um pouco zombeteira, o fora pouco a pouco interessando e em suma empolgando [...]. (Título: A Luta. Autor: Emília Moncorvo Bandeira de Melo. Data: 1911).

A distinção entre as primeiras ocorrências da expressão *eis que*, nos séculos XIV e XV, e as ocorrências do item *eis que* empregado como variante de conectivo causal no século XX, está sintetizada no Quadro 2:

QUADRO 2 – *Eis que* nos séculos XIV e XV versus *eis que* no século XX

Fator		<i>eis que</i> ³ Séculos XIV e XV	<i>eis que</i> Século XX
Semântico		<i>subitamente,</i> <i>inesperadamente</i> (advérbio)	sentido causal (conectivo)
Posição no período		variável	fixa (após oração principal)
Sintático	Interposição de termos	com ou sem interposição de termos entre <i>eis</i> e <i>que</i>	sem interposição de termos entre <i>eis</i> e <i>que</i>
	Coocorrência com conjunção (ex: <i>mas</i> , <i>e</i>)	com ou sem coocorrência	sem coocorrência

As limitações sintáticas que caracterizam *eis que* como variante de conectivo causal no século XX provavelmente estão relacionadas ao fato de ser esse conectivo um item mais *gramatical* ou *funcional*, no sentido que Coelho e Vitral (2010) atribuíram a esses termos, do que sua versão anterior. Assim, encontramos indícios do processo de gramaticalização desse termo: *eis que* como conectivo causal tem restrições – posiciona-se depois da oração principal; não aceita intercalação de outros itens entre os componentes *eis* e *que*; não ocorre junto com outro conectivo.

3 Vez que

Arruda (1996, p. 109), afirma que a expressão *vez que* não se encontra registrada em nenhum dicionário ou gramática, e recomenda: “Há que ser ‘uma vez que’.”

Almeida (2003), por seu turno, assevera não ter encontrado justificativa para o emprego de *vez que* em substituição a *uma vez que*. As palavras do autor, transcritas a seguir, podem servir de pista para a investigação do processo de gramaticalização por meio do qual o item *vez que* passou a ser usado como variante de locução conjuntiva causal:

³ Também ocorre no século XX.

Não nos foi dado até hoje encontrar justificção para “vez que” em lugar de “uma vez que”. Domingos Vieira, o mais rico dicionário de exemplos de emprego de vocábulos, não traz a expressão causal. Laudelino Freire e Caldas Aulete, dicionários insuperáveis, trazem somente a locução conjuntiva causal “uma vez que”, equivalente a “já que”, “pois que”, “visto que”, “porquanto”: “Podiam sem susto apresentar-se, *uma vez que* confiassem no seu mérito” – “*Uma vez que* o assunto foi examinado...”. (ALMEIDA, 2003, p. 597, grifos do autor).

Depreende-se das citações de Arruda (1996) e de Almeida (2003) que a forma *vez que*, usada em sentido causal, tem sido empregada, ainda que indevidamente, como variante da locução conjuntiva causal *uma vez que*.

Mediante consulta ao *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2016, grifos nossos), percebe-se que, no século XIII, quando se registram as primeiras ocorrências da palavra *vez*, ela era usada quase exclusivamente como substantivo, ou seja, como item lexical⁴ (COELHO; VITRAL, 2010), como atestam os seguintes exemplos:

- (16) Tant’ andou daquela **vez** que un cavaleiro fez dela namorar. (Título: Cantigas de Santa Maria 1. Data: século XIII).
- (17) Non conven aa omagen 1 da Madre do grorfofo... Aquesto todos lo viron. Ond’ avêo hûa **vez** que a Virgen gloriosa sobr’ esto miragre fez tan grande, que a omagen do demo tal come pez fez tornar en hûa ora 1 mui feo e mui lixoso. (Título: Cantigas de Santa Maria 2. Data: século XIII).

Assim, hipotetiza-se que o substantivo *vez*, item lexical, tenha passado a item funcional, *uma vez que*. Além disso, parece plausível a hipótese de que *vez que*, como locução conjuntiva causal, seja forma reduzida de *uma vez que*, pois é tratada como variante desta última por Arruda (1996) e por Almeida (2003).

Ao discutir o estatuto teórico da gramaticalização, Gonçalves *et al.* (2007) mencionam que, sob a perspectiva da unidirecionalidade, os mecanismos que atuam na gramaticalização acarretam mudanças em

⁴ Em somente uma das 161 ocorrências de *vez*, no século XIII, esse item aparece formando *em vez de*.

diversos níveis de análise: fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático.

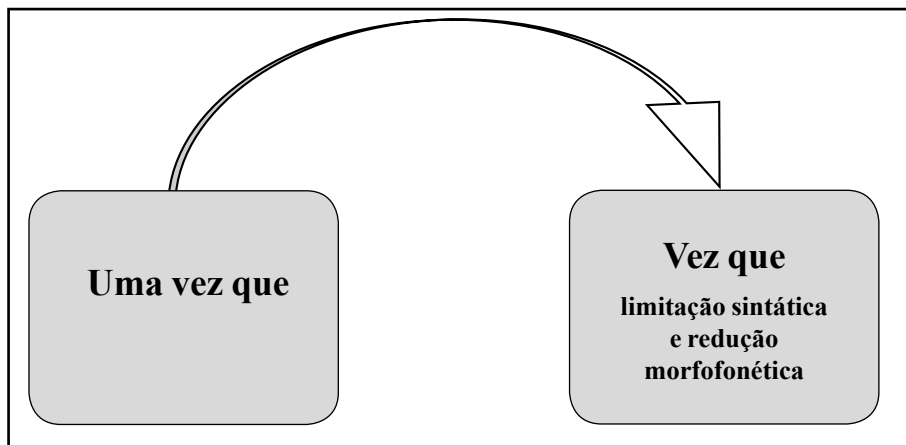
Assim, admitida a hipótese de que a variante *vez que* se originou de *uma vez que*, é possível reconhecer que nesse processo a expressão já gramaticalizada *uma vez que* tenha perdido o elemento composicional *uma* e tenha passado à forma *vez que*, ocorrendo, portanto, redução morfológica e fonológica.

Além disso, de acordo com Neves (2011), a locução conjuntiva *uma vez que* forma orações que tanto precedem a oração principal quanto a seguem. Então, no nível sintático, essa locução conjuntiva parece sofrer menos restrição do que a variante *vez que*, a qual não é usada em posição anterior à oração principal, a julgar pelas suas ocorrências nos *corpora* desta pesquisa.

Observem-se os exemplos abaixo, nos quais *uma vez que* tanto ocorre antes da oração principal, quanto após a oração principal, enquanto *vez que* ocorre somente depois da oração principal:

- (18) Por fim, **uma vez que** o valor apurado pela Embargante é superior aquele (*sic*) tido como correto apurado pela Contadoria, cumpre-me reconhecer como devido, sob pena de proferir sentença ultra petita, o valor de R\$ 240.110,96, nos estritos termos da planilha apresentada pelo CNPQ às fls. 6/7. (RIO DE JANEIRO, 2017, p. 140, grifo nosso).
- (19) **Uma vez que** as crianças passam um terço de seu dia na escola, faz-se necessário que esse tempo seja aproveitado da melhor maneira possível [...] (REVISTA DE ENSINO DE BIOLOGIA DA SBEnBio, 2017, p. 70, grifo nosso).
- (20) Não ocorreu a omissão suscitada capaz de ensejar a anulação do julgado por violação do art. 535 do CPC **uma vez que** somente quando da oposição dos embargos de declaração o INSS pleiteou a manifestação da Corte de origem sobre o eventual excesso do valor da verba honorária fixada no juízo de primeiro grau. (RIO DE JANEIRO, 2017, p. 490, grifo nosso).
- (21) O segundo requisito também se encontra comprovado, **vez que** o falecido era titular de aposentadoria por tempo de contribuição, conforme se verifica do INFBEN de fl. 88. (RIO DE JANEIRO, 2017, p. 1.250, grifo nosso).

Com base nas diferenças entre *uma vez que* e *vez que*, nos níveis morfológico, fonológico e sintático, conforme apontado acima, pode-se conceber que esta última variante de conectivo causal corresponda a uma etapa de gramaticalização mais avançada que a da variante *uma vez que*, da qual provavelmente se originou. A Figura 1, que se segue, apresenta, esquematicamente, os principais elementos relacionados a esse processo de gramaticalização:

FIGURA 1 – Gramaticalização de *vez que*

Fonte: Elaborada pelos autores.

4 Considerações Finais

Ao adquirir o estatuto de gramatical, um item antes empregado como lexical demonstra alterações decorrentes dos mecanismos que atuam no processo de gramaticalização. Essas alterações costumam alcançar os níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático, também podendo ser notadas quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticalizados. Por meio do presente estudo, observaram-se alterações semânticas, morfológicas e, de modo especial, restrições sintáticas que *eis que* e *vez que* passaram a apresentar na condição de itens (mais) gramaticais.

No caso de *eis que*, demonstrou-se que, como conectivo causal, esse item tem posição definida no período (após a oração principal) e

não ocorre com outro conectivo (por exemplo, *mas e e*). Além disso, não há interposição de termos entre *eis e que*.

Sobre *vez que*, destacou-se a restrição sintática, ou seja, o fato de ocorrer em posição fixa no período (após a oração principal). Além disso, observou-se que o item *vez que* apresenta redução morfofonética relativamente a *uma vez que*, conectivo causal de que aquele provavelmente se originou.

Essas características, por se encaixarem na correlação de parâmetros propostos por Lehmann (1982), representam indícios de que *eis que* e *vez que*, usadas como conectivo causais, são construções altamente gramaticalizadas.

Referências

- ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003. 618 p.
- ALMEIDA, N. M. *Gramática metódica da língua portuguesa: curso único e completo*. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 1952. 497 p.
- ARRUDA, G. A. *A linguagem do juiz*. São Paulo: Saraiva, 1996. 193 p.
- BUENO, F. S. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa: vocábulos, expressões da língua geral e científica, sinônimos, contribuições do tupi-guarani*. Santos: Editora Brasília, v. 1, 1974.
- CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades de língua portuguesa*. Porto Alegre: L&PM; Rio de Janeiro: Lexikon, 2007. 460 p.
- COELHO, S. M.; VITRAL, L. T. O estatuto gramatical dos verbos relacionais. In: COELHO, S. M.; VITRAL, L. T. (org.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. cap. 3, p. 75-104.
- CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007. 839 p.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 724 p.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. J. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. [S. l.], [20--]. Disponível em: <http://www.corpusdportugues.org>. Acesso em: 25 nov. 2016.

RIO DE JANEIRO (Estado). *Diário Eletrônico da Justiça Federal da 2ª Região (DEJF/2ª Região)*. Rio de Janeiro: Tribunal Regional Federal da 2ª Região, 30 nov. 2016. (Caderno Judicial do TRF). Disponível em: <http://dje.trf2.jus.br/DJE/Paginas/Externas/inicial.aspx>. Acesso em: 02 jan. 2017.

FARIA, E. *Dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2003. v. 17, 1081 p.

FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 1 CD-ROM.

GONÇALVES, S. C. L. *et al.* Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (org.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. cap. 1, p. 15-66.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press. 2003. 276 p. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139165525>.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.

LEHMANN, C. *Thought on grammaticalization*. Munich: Lincom Europa, 1995 [1982].

NASCIMENTO, E. D. *Linguagem forense*. 10. ed. São Paulo: Saraiva, 1992. 312 p.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011. 1005 p.

NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: (fonética e morfologia)*. 8. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1975. 456 p.

REVISTA DE ENSINO DE BIOLOGIA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE BIOLOGIA (SBEnBio). Niterói, RJ: SBEnBio, v. 9, 2016. Disponível em: <http://www.sbenbio.org.br/blog/categoria/revistas/>. Acesso em: 30 maio 2017.

RIBEIRO, E. C. *Serões grammaticaes ou nova grammatica portugueza*. Revisão e índice remissivo [de] Deraldo Ignacio de Sousa. 5. ed. Salvador: Livraria Progresso Editora; Aguiar & Souza, 1950. 791 p.

SACCONI, L. A. *Nossa gramática: teoria e prática*. 6. ed. São Paulo: Atual, 1984. 430 p.

SILVA, R. C. B. A. *Eis que, Posto que e Vez que como conectivos causais: variação e padronização no português do Brasil*. 2018. 254 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

WEISZFLOG, W. (ed.). *Michaelis: moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998. 2259 p.

Recebido em: 20 de junho de 2018.

Aprovado em: 24 de setembro de 2018.